



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

O PRAZER É NOSSO: NARRATIVAS DE PRAZER POR MULHERES NEGRAS

Luana Ferreira de Souza

UNICAMP luanafesouza@gmail.com

Resumo: A adoção de práticas protetoras do corpo das mulheres negras ao escrutínio cultural produziu silêncios estratégicos sobre o prazer, o desejo e as sexualidades femininas negras. Há, no entanto, investimentos - entre nós, mulheres negras - na construção de políticas e estéticas literárias que possibilitem a ruptura desses silêncios e insistam na visibilidade de nossas sexualidades e prazeres. O gesto que empreendo neste ensaio é pela investigação de políticas feministas negras, na literatura e na arte, que encorajam o desenvolvimento de subjetividades eróticas para as mulheres negras, investindo na análise de narrativas de prazer que levam a produção de materialidades que possibilitem a abertura de novos espaços de experiência e de significados para a sexualidade de mulheres negras. Interrogo-me, dessa maneira, sobre como, ao construir um universo estético de prazer, as narrativas de prazer de mulheres negras assumem papel importante na promoção da justiça erótica. Neste percurso, invisto num gesto ensaístico que permita compreender o lugar do prazer no feminismo negro, analisando o modo como a política de respeitabilidade, estratégia de sobrevivência para nós, mulheres negras, forjou políticas de silêncios em torno do desenvolvimento das nossas subjetividades sexuais.

Palavras-chave: Prazer, Mulheres Negras, Narrativa.

Preliminares

Discutir as interseções de gênero, raça e sexualidade é um gesto recente na trajetória de pesquisa que tenho construído; como o é também voltar o olhar para a literatura de mulheres negras, perguntando-me não apenas pelos efeitos de sentidos, mas também sobre a sua construção enquanto objeto estético. São caminhos novos que cruzam meus interesses de pesquisa ao longo de minha inscrição em programas de pós-graduação em linguística. E, mais especificamente, nas análises que venho desenvolvendo sobre o projeto político da pornografia de

reivindicação feminista no âmbito do doutorado.

Se, no campo da pesquisa acadêmica, a discussão desses atravessamentos parece-me um horizonte ainda a desvendar, na prática política de minha existência, essas interseções constroem os meus modos de subjetivação enquanto sujeito político. O desafio dessa escrita é o de situar esses caminhos acadêmico/políticos no ponto de encontro dessa encruzilhada. Cruzamento que me permita percorrer uma trajetória na qual as práticas de pesquisa sejam práticas que digam também das minhas vivências, dos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

atravessamentos que me constituem como mulher negra lésbica. É numa tomada de posição feminista antirracista, aliada a construção do pensamento lésbico, que consigo dimensionar o enfrentamento cotidiano das inúmeras violências que o racismo, o sexismo e o efeito da hipersexualização marcaram no meu corpo e na minha sexualidade ao reivindicar um lugar de enunciação que visibilize minha trajetória enquanto “intelectual negra feminista, sapatona convicta”.

Tomando como ponto de partida a problemática acima mencionada, empreendo, neste momento, reflexões teórico-analíticas, visando a compreender a maneira como as narrativas de prazer fraturam sentidos dominantes de sexo, desejo e sexualidade, quando vozes historicamente silenciadas de mulheres negras entram na disputa política do sentido. O investimento que empreendo é de refletir sobre como *nós, mulheres negras*, ao narrar experiências de prazer, colocamos em funcionamento e circulação outros (novos?) roteiros de desejos que nos visibilizam como sujeitos sexuais agenciadoras do próprio prazer.

Interrogo-me, nesse percurso, sobre como, ao construir um universo estético, as narrativas de prazer das mulheres negras assumem papel importante na promoção da *justiça erótica*

(RUBIN, 2012) como lugar de resistência das subjetividades sexuais femininas negras. Embora Rubin (2012) não tenha investido (e nem poderia) na compreensão do que uma *justiça erótica* poderia implicar na sexualidade das mulheres negras, gostaria de apontar que tenho pensado *justiça erótica* neste trabalho como uma prática discursiva que possibilita a construção de *lugares de enunciação* (ZOPPI FONTANA, 2002) das mulheres negras dentro do campo do erótico, do prazer. Uma abertura a outros trajetos de sentidos para as sexualidades das mulheres negras que produzem outros lugares de identificação, resistência e existência.

Ecoa nesse questionamento a formulação de Brittney Cooper em conversa com Joan Morgan (2015, p. 2, *tradução minha*): *não há justiça para as mulheres negras sem o prazer*. De minha posição teórico-analítica-política, entendo justiça aqui não em termos legais, normativos, como circulam na ideologia dominante do Estado de Direito, mas tomo justiça como uma prática política na qual as mulheres negras, diante da histórica negação, possam se identificar como sujeitos com o direito ao prazer. Inclino-me a investigar, desse modo, como as políticas feministas negras encorajam o desenvolvimento de subjetividades eróticas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

para as mulheres negras, investindo na análise do prazer que levam a produção de materialidades que possibilitem enunciar o prazer como construção de uma política de fortalecimento de direitos sexuais para mulheres negras. Para tanto, vou me deter a olhar para dentro da construção do pensamento feminista negro, analisando as consequências teóricas e políticas da relação entre feminismo negro e prazer.

Pensando o prazer: problemáticas interseccionais no/para o feminismo negro

Para refletir sobre o prazer no seio do feminismo negro, parto de uma compreensão histórica em torno da constituição discursiva do feminismo negro que permite dizer que ele manteve *políticas de silenciamento* (ORLANDI, 2007) em torno do tema do prazer e das sexualidades negras, em virtude de uma tomada de posição urgente e necessária que buscava denunciar e não alimentar estereótipos negativos e estigmas em torno das imagens de mulheres negras na sociedade. Isto é, o feminismo negro, ao produzir *políticas de respeitabilidade*¹, permitiu que se mantivesse, em sua estrutura analítica, silenciamentos em torno do corpo e da sexualidade feminina negra em detrimento de análises atentas à complexidade de nossas sexualidades, bem

como à nossa heterogeneidade, multiplicidade e diversidade sexual.

Tal consideração é construída no diálogo com as pesquisas de Joan Morgan em torno do que tem desenvolvido de *políticas negras de prazer*. Em seu artigo intitulado *Por que nós saímos: movendo-nos em direção a uma política feminista negra do prazer*, Morgan afirma:

De fato, uma grande quantidade de energia foi gasta disputando estereótipos profundamente arraigados e desumanos - variando de nossa assexualidade, exclusivamente casualizada, a nossos modos naturalmente animais, libertinos e licenciosos. O corretivo tem sido a criação de uma narrativa mestra feminista negra em que a sexualidade danificada das mulheres negras ocupa o centro do palco como um local de trauma recorrente - o lugar onde as opressões conflitantes podem ser contadas para se encontrar e se unir violentamente. O lado positivo, claro, foi uma interpretação extremamente necessária e compassiva do espaço difícil e comprometido que a sexualidade das mulheres negras ocupa. A desvantagem tem sido uma falta de atenção aos compromissos das mulheres negras com o prazer - as complexas, confusas, complicadas e até mesmo alegres negociações de agência e desejo que são irrevogavelmente geminadas com nossa dor. Da academia à blogosfera, nos tornamos feministas fluentes em teorizar as muitas maneiras pelas quais nossa sexualidade foi comprometida. No entanto, temos tido muito menos sucesso, ultrapassando esse dano para reivindicar o prazer e um erótico saudável como direitos fundamentais. (MORGAN, 2015, p. 2, tradução livre)

A discussão dessa *política do prazer* apresentada por Joan Morgan historiciza o modo como o prazer, o desejo e a sexualidade foram tratados pelo pensamento feminista negro. Para a autora, as teóricas negras teorizaram extensivamente sobre as violências e as degradações sexuais que acometem as



sexualidades das mulheres negras, mas quando se trata de desenvolver análises complexas da sexualidade feminina negra como um lugar potente e prazeroso das subjetividades das mulheres negras, como feministas negras, não conseguimos – ainda – avançar no debate.

Além da análise de Morgan, os trabalhos de Jennifer Nash (2008; 2012) e Evelyn Hammonds (1997) permite afirmar que ao mobilizar as representações dominantes dos nossos corpos, ao enfatizar a degradação sexual violenta e continua enfrentada por *nós*, em vez de analisar conjuntamente a complexa relação entre *prazer e perigo*ⁱⁱ que constitui a subjetividade sexual das mulheres negras, o feminismo negro produziu uma formação intelectual que tende a evitar perguntas sobre os desejos sexuais das mulheres negras, as subjetividades sexuais negras, várias formas de prazeres das mulheres negras e nossas possibilidades de instauração do eróticoⁱⁱⁱ. Para realizar sua crítica ao prazer, Morgan retoma as contribuições de Hammonds em suas análises.

Mais de duas décadas atrás, Evelyn M. Hammonds cobrou ao pensamento feminista negro de passar de uma “política do silêncio” sobre a sexualidade das mulheres negras para uma “política de articulação”. Referindo-se a uma conversa triangular entre historiadores, críticos literários e teóricas feministas, Hammonds admitiu que o feminismo negro há muito tempo se concentra na política da respeitabilidade, dissimulação cultural e discursos de resistência - intervenções que teorizaram a sexualidade das

mulheres negras como um acúmulo de atos indescritíveis ou posicionaram as mulheres negras em “oposição binária às mulheres brancas” – conseguindo identificar a sexualidade das mulheres negras como um local de intersecção de opressão. O que eles não conseguiram fazer, ela argumentou, foi produzir a “política de articulação” necessária para perturbá-los. Sem isso, alertou Hammonds, esses discursos inadvertidamente reificam a sexualidade feminina negra como patologizada, alternadamente invisível e hipervisível. (MORGAN, 2015, p. 3, *tradução livre*)

Inspirada no diálogo e contribuição dessas autoras, realizo um investimento que me permita compreender essa tensa relação entre feminismo negro e prazer, analisando o modo como a *política de respeitabilidade* (HIGGINBOTHAM, 1993) forjou *políticas de silêncios* (HAMMONDS, 1997) – o que, de um ponto de vista discursivo, posso considerar como uma *política de silenciamento*, tal como propõe Orlandi (2007) – em torno do desenvolvimento das subjetividades sexuais das mulheres negras. Invisto na compreensão de como a negação de dizer sobre o prazer veio sendo, dentro do feminismo negro, uma estratégia de proteção e respeitabilidade que forjou silenciamento das vozes mulheres negras, em torno dos desejos, do corpo e das sexualidades, ao mesmo tempo em que insisto na necessidade de instauração de outras narrativas capazes de apontar dimensões variadas sobre a complexa sexualidade feminina negra.

Embora insista na urgência de



pensar o prazer como uma prática política necessária para a disputa política do feminismo negro, não vislumbro o prazer como local de libertação totalmente fora da dominação. Em consonância com Nash (2008), entendo, por meio da importante contribuição do feminismo antipornografia, que o prazer pode encobrir a desigualdade e erotizar a subordinação, por isso é preciso estar atenta às maneiras pelas quais “a dominância pode se disfarçar de prazer (e às maneiras pelas quais a dominância e o prazer são muitas vezes constitutivas)” (NASH, 2008, p. 53, *tradução livre*). Adiciono às palavras de Nash que é preciso ainda estar atenta aos sentidos dominantes de prazer.

Em virtude disso, no funcionamento da evidência, não deveria surpreender que as mulheres negras se calassem sobre a sexualidade. O efeito do silenciamento histórico que interditou a produção de quaisquer alternativas reflete, como aponta Hammonds (1997, p. 98, *tradução livre*), “o desdobramento do poder contra os sujeitos racializados, em que aqueles que falaram não quiseram e os que quiseram falar foram impedidos de fazê-lo. É esse desdobramento de poder no nível do social e do indivíduo que deve ser historicizado”. Para a historiadora, o que é necessário é uma metodologia feminista negra que nos permita contestar, ao invés

de reproduzir, o sistema ideológico que até agora definiu o terreno da sexualidade das mulheres negras. Desse modo, Hammonds (1997, p. 101, *tradução minha*) questiona: “como podem as feministas negras desalojar os estereótipos negativos de sua sexualidade e as consequentes negações de cidadania e proteção?”.

No investimento de responder a essa questão, Hammonds (1997) argumenta que o feminismo negro reproduziu esses silenciamentos por meio também do insistente investimento em discussões da heteronormatividade, apesar de uma presença lésbica e bissexual vocal e visível no pensamento feminista negro, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980. A discussão da autora leva a compreender que foram os desdobramentos das sexualidades das escritoras negras lésbicas e bissexuais na ficção, crítica literária e antologias que “frequentemente destacam os próprios aspectos da sexualidade feminina negra que estão submersos; ou seja, o desejo e a agência feminina são fundamentais para nossa teorização das sexualidades femininas negras.” (HAMMONDS, 1997, p. 102, *tradução minha*).

Diante desse cenário, uso o prazer como uma lente interrogativa para analisar como narrativas de mulheres negras fraturam sentidos dominantes de sexo,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

desejo, prazer e podem instaurar outros percursos de sentidos para as complexas subjetividades sexuais negras. Para isso, volto o olhar para narrativas de prazer das mulheres negras que instaurariam uma ruptura na narrativa da subordinação dominante, uma fenda que permite produzir espaços para imaginar, criar em torno do laço entre a sexualidade e a subjetividade feminina negra. Rupturas que irromperiam, nas tentativas de instaurar o real do desejo, narrativas de prazer em gestos de autoria que compõem processos autônomos de satisfação sexual.

“*Toda babada*”

Esse negócio de as pessoas dizer que tem que gozar junto – vou dizer mais no popular – que tem que gozar junto, que é isso que faz neném, que num sei o quê... É tudo mentira! Porque eu fiquei dos meus quatorze aos meus quarenta e cinco anos sem saber o que era isso. Pra mim, era tudo normal. O homem terminava, eu terminava também. Só que, aos 45 anos, eu fazia coleção dos discos de Roberto Carlos e aí eu ganhei o LP que tinha a música “Côncavo e Convexo” – “vê se saiu direito “côncavo e convexo” –, então, eu botei a vitrola que era daquelas antigas e fui dormir. E, simplesmente, gente, quando eu acordei, eu estava com a perna suspensa e a calcinha na mão e toda babada. Aí foi que eu comecei a comentar com as amigas e aí falou assim: “poxa, você gozou”. Aí que eu vim saber o que era o gozo. Aí, moral da história: eu sou uma pessoa com 68 anos que o homem pra mim não faz falta. Eu mesma dou meu jeito. (CONCEIÇÃO, 2006)^{iv}

E, simplesmente, [...]eu acordei[...]Toda babada. Tomo a baba, nesse enunciado, como forma material do prazer, da satisfação sexual, do gozo. É o

espaço do estranhamento, da instauração de um acontecimento, mas também do reconhecimento, pelo olhar do outro, de um sujeito-desejante que goza. *Toda babada* é também o enunciado que fez circular na internet o *depoimento* de 1m25s de Nelly Conceição. O vídeo circulou pela primeira vez no final dos primeiros capítulos da novela *Páginas da Vida*, produzida e exibida pela Rede Globo em 2006 e escrita por Manoel Carlos e Falcão Galvão. Ambientada no Rio de Janeiro, a trama “faz um retrato do cotidiano de homens, mulheres, crianças e adolescentes” (PÁGINAS DA VIDA, 2006?). Esse “retrato do cotidiano” era estendido para até os minutos finais da exibição quando a novela apresentava *pessoas comuns da vida real* narrando sobre alguma experiência vivida pelo sujeito.

A experiência de reconhecimento e vivência do primeiro orgasmo narrada por Nelly da Conceição, mulher negra de 68 anos, em horário nobre de uma grande rede de televisão brasileira, fez instaurar uma polêmica que pode ser recuperada nas páginas da *web* por meio das ferramentas do *Google* e na plataforma do *Youtube*. A instauração da polêmica circulou em diversas revistas de “fofoca” da época e se deu, na instância do jurídico, pelo processo por danos morais de Nelly Conceição à



Rede Globo. Nelly criticou a edição do vídeo que, em um total de 45min da fala, priorizou apenas sua experiência sexual, fazendo com que perdesse o emprego e se tornasse alvo de diversas violências morais.

Em termos dos efeitos da circulação do vídeo por meio dos usuários da plataforma *Youtube*, é possível recuperar, nas diversas entradas do vídeo, dizeres como: “velha babada”, “foi constrangedor”, “quando apareceu na TV, foi um escândalo”, “Roberto Carlos foi lá e comeu ela”, “uma mulher madura que descobriu o orgasmo sozinha”, “certas intimidades você deveria guardar pra você, não fazer uma revelação dessa em rede nacional”, “uma senhora mostrando uma realidade de muitas mulheres”, “a própria Globo foi culpada por não adequar o relato desta senhora a um diálogo correto para que não expusesse ela a essa situação ridícula!”. Retomo esses dizeres que circularam nos comentários do vídeo do *youtube*, pois, pelo trabalho da memória, diz da formação e avaliação social brasileira sobre a sexualidade da mulher negra.

Em uma inscrição linguística em que, como assume a própria Nelly, o popular se faz presente, as relações de classe se interpõem. Em entrevista ao site *O fuxico*, Nelly assume que “aconteceu tudo isso, porque falei todas essas coisas

da minha vida no popular, se fosse numa *linguagem mais difícil*, ninguém falaria nada.[...]” (O FUXICO, 2006). Além de dizerem do funcionamento das intersecções de raça e classe na formação social brasileira, os enunciados *vou dizer mais no popular, uma linguagem mais difícil*, ditos por Nelly, e mesmo *adequar o relato desta senhora a um diálogo correto*, que circularam nos comentários, me faz compreender que existe em nossa formação social uma linguagem, um modo de dizer (sobre) o sexo, o prazer que funciona como mais adequado às mulheres.

É reveladora também a maneira como no vídeo, ao narrar a sua experiência de prazer, o corpo da narradora diz desse olhar constrangedor, que o outro incide sobre a sexualidade da mulher negra, e textualiza no corpo um efeito de vergonha. Logo após narrar o acontecimento do gozo e dizer que acordou toda babada, a narradora estabelece 5s de silêncio em sua narrativa, respira, engole saliva, desvia o olhar, se ajeita na cadeira e retoma a palavra. É um silêncio que significa também pelo corpo. É um silêncio que leio como instaurado pela materialidade do efeito da vergonha no corpo de uma mulher negra.

Esse desconforto do corpo que se materializa nos gestos de desviar a cabeça



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

e o olhar, de reencontrar uma posição na cadeira e de realizar uma respiração mais profunda produz sentidos, pelo estranhamento, pela gestão da auto-censura, ao significar a *baba* como metáfora do gozo, da satisfação sexual, do prazer. Discursividades que também dizem da negação do prazer às mulheres negras e da manutenção da política de silenciamento em nossa conjuntura histórica. Desse modo, o que significa uma mulher negra idosa heterossexual falar publicamente que teve sua primeira experiência de orgasmo? Como esses dizeres se sustentam numa memória heteronormativa que subordina e organiza o desejo sexual das mulheres negras em torno única e exclusivamente do homem? Que outras imagens de prazer para as mulheres negras essa narrativa disputa?

Retomando o depoimento de Nelly:

Esse negócio de as pessoas dizer que tem que gozar junto – vou dizer mais no popular – que tem que gozar junto, que é isso que faz neném, que num sei o quê... *É tudo mentira!* Porque eu fiquei dos meus quatorze aos meus quarenta e cinco anos sem saber o que era isso. Pra mim, era tudo normal. O homem terminava, eu terminava também. (CONCEIÇÃO, 2006, *grifo meu*)

Pelo depoimento de Nelly, é possível retomar o funcionamento dos sentidos dominantes de gozo que circulam em nossa formação social. Sentidos que funcionam pela sua evidência e são

opacizados no próprio enunciado pela negação: *É tudo mentira!* Esse enunciado retoma - e nega - um já enunciado na própria progressão textual, mas é somente pelo funcionamento da memória que o enunciado produz lugares de identificação para os sujeitos. O *tudo* condensa e retoma o que a narradora quer negar. O que ela nega? E, por que nega?

O funcionamento de *tudo* retoma, condensa, pelo funcionamento da memória, sentidos de gozo, inscritos na estrutura heteronormativa que organiza as práticas sexuais das mulheres negras – e, em geral, das mulheres - como necessariamente ligadas ao gozo do homem. As mulheres negras não podem gozar, se o homem não gozar. Um discurso dominante que naturaliza o início e o fim das práticas sexuais em torno do desejo e do gozo do homem, reduzindo, inclusive temporalmente, o gozo das mulheres negras ao do homem. O homem seria o responsável por conduzir as práticas sexuais em torno de seus desejos e prazeres. O homem é, então, o sujeito do prazer.

A fala de Nelly trouxe para o debate público, nas tramas da TV e da *web*, discursos e práticas das opressões sexuais das mulheres negras que dissimulam a negação histórica ao prazer e que reiteram o lugar de silenciamento em torno das



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

complexas sexualidades das mulheres negras. No entanto, a fala da narradora também atualiza os sentidos de prazer e gozo a partir de suas vivências enquanto sujeito desejante. Quando Nelly começa a, pelos elementos da narrativa, construir um tom de suspense e revelação que antecede à irrupção do acontecimento do gozo na materialidade de seu corpo, ela convida, inclusive textualmente, os telespectadores a adentrarem nessa imagem da cena sexual que em seguida vai narrar.

Só que, aos 45 anos, eu fazia coleção dos discos de Roberto Carlos e aí eu ganhei o LP que tinha a música “Côncavo e Convexo” – “vê se saiu direito “côncavo e convexo” –, então, eu botei a vitrola que era daquelas antigas e fui dormir. E, simplesmente, gente, quando eu acordei, eu estava com a perna suspensa e a calcinha na mão e toda babada. Aí foi que eu comecei a comentar com as amigas e aí falou assim: “poxa, você gozou”. Aí que eu vim saber o que era o gozo.

A baba, o gozo, materialidades do prazer que irrompem no corpo da mulher negra numa construção autônoma do desejo. É assim que Nelly recompõe o *clímax* da narrativa e do gozo: o estranhamento e a surpresa da *baba*. Nelly constrói a narração da cena do gozo pelo não dito do ato, pela não descrição do ato *per se*. Não ditos que constroem a narrativa e significam também por esse efeito de vergonha, textualizado pelo silêncio - da não fala - e os gestos de corpo no vídeo.

A introdução da cena de prazer, narrada por Nelly, conduz à música de

Roberto Carlos, “Côncavos e Convexos”, na qual a melodia e a descrição das cenas podem funcionar como esse disparador das cenas de amor e sexo, idealizadas nas relações heterossexuais, que circulam socialmente tanto pelo discurso amoroso quanto pelo discurso erótico. Embora a música construa um tom erótico no qual o amor e o sexo são associações perfeitas na relação heterossexual, trazendo para a cena o amor romântico como sentidos dominantes do discurso amoroso, a cena narrada por Nelly destitui o lugar do amor para a satisfação no sexo, do sexo para satisfação do homem e do homem como provedor do gozo. Esse gesto visibiliza sentidos apagados que trazem para a cena narrada o gozo como um espaço prazeroso de satisfação sexual para as mulheres negras.

Foi sem a presença de um corpo-homem, enquanto dispositivo de organização do desejo, que a narradora vivenciou o gozo pela primeira vez aos 45 anos. Na cena, essa ausência de um corpo-homem projeta, inclusive pela idealização do cantor Roberto Carlos, um homem-suporte que se constitui ainda nas amarras da heteronormatividade, mas fratura a norma ao borrar o homem como objeto desejo, legitimando essa ausência como um lugar potente de prazer para as mulheres negras.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Desse modo, enunciados como *eu mesma dou meu jeito*, que circulam no social para dizer da masturbação, metaforiza os processos de construção discursiva da autonomia pelos quais as mulheres negras podem vir a se significar para ter prazer. Processos de metaforização que fazem deslizar de homem-desejo, sujeito construído no imaginário erótico, a *dedos-desejos* (EVARISTO, 2016, p. 51), materialização da vivência erótica no corpo da mulher. Metaforiza ainda processos que dizem do autocuidado e do bem-viver das (e entre) as mulheres negras, reivindicação urgente do movimento de mulheres negras que não consigo dissociar, pelo funcionamento da *justiça erótica*, de uma prática política na disputa pelo direito ao prazer; pelo direito de dizer o sexo, o desejo e as diversas sexualidades das mulheres negras que não seja apenas do lugar da opressão e da exploração, mas do prazer enquanto uma *força telúrica* que potencializa a capacidade criativa e imaginativa de nossas subjetividades. Questionei-me anteriormente quais outras imagens de prazer para as mulheres negras são travadas pela narrativa de Nelly. Gostaria, no entanto, de ampliar esse questionamento: quais outras imagens de prazer a narrativa de mulheres negras constroem?

Dedos-desejos

Salinda tombou suavemente o rosto e com as mãos em concha colheu, pela milésima vez, a sensação impregnada do beijo em sua face. Depois, com um gesto lento e cuidadoso, abriu as palmas das mãos, contemplando-as. Sim, lá estava o vestígio do carinho. Algo tão tênue, como os restos de uma asa amarela, de uma borboleta menina, que foi atropelada nos primeiros instantes de seu inaugural voo. Rememorou ainda o corpo que um dia antes estivera em ofertório ao seu lado. Tudo parecia um sonho. Os toques aconteceram carregados de sutileza. Carinhos inicialmente experimentados apenas com as pontas dos *dedos-desejos*. Ela estava aprendendo um novo amor. (EVARISTO, 2016, p. 51, *grifo meu*)

A cena transcrita abre o conto *Beijo na face* de Conceição Evaristo em sua coleção de contos *Olhos d'água*. Único conto dessa coleção que trata a lesbianidade negra como um lugar de subjetivação das sexualidades negras. O beijo na face colhido pelas mãos em concha, prenes de água, dispara na memória da personagem - Salinda - a retomada de um momento já vivido. Tudo na cena, como no conto, é descrito na sutileza das minuciosidades, na sutileza minuciosa de aprender um novo amor. A vagareza e o cuidado com os quais Salinda abre as palmas das mãos dá eco a esse tom que compõe o processo de descoberta do novo, assim como os vestígios que se inscrevem na ordem da memória da lembrança. Lembranças de um dia que antecede a cena narrada.

A metáfora do ofertório, que se inscreve no discurso cristão, significa enquanto esse corpo entrega. Se na liturgia



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

católica, o ofertório é uma parte da missa em que o padre oferece a Deus o pão e o vinho, metáfora cristã para o corpo e o sangue - a carne de Cristo; na cena, se valer da metáfora do ofertório, produz sentidos de completude de doação e entrega desse corpo que desliza de um corpo divino para um corpo amante. Um segundo deslocamento permite o deslize desse corpo divino, preenchido pelo lugar do homem, patriarcal, heterossexual e de uma voz moral cristã, para o corpo físico de mulher negra lésbica na posição de quem ama. Aos moldes de Derrida, a metáfora cristã é consumida, na cena, para fazer dizer o que o cristianismo não disse. A comunhão é aqui o amor entre duas iguais.

Nessa cena, outra metáfora me move: a dos *dedos-desejos*. A leitura me conduz a recuperar outras metáforas que também dizem desses *dedos-desejos*. São as mãos que colhem a sensação impregnada do beijo, o gesto lento e cuidadoso, as palmas das mãos com vestígios de carinho, os toques carregados de sutileza e o carinho nas pontas dos dedos-desejos. Processos também metonímicos que significam a mão, o toque, os dedos, os *dedos-desejos* na relação afetivo-sexual entre mulheres. São os mesmos *dedos-desejos*, como também vimos no depoimento de Nelly, que

desloca a figura do homem como produtor de gozo e prazeres sexuais para as mulheres. Diz do prazer sem a presença do falo.

Ao narrar os prazeres e os perigos desse novo amor que Salinda estava aprendendo, a narrativa produz uma poética de denúncia das invisibilidades que os relacionamentos lésbicos vivenciam no espaço público ao mesmo tempo em que confronta processos subjetivos de uma personagem, casada com um homem, mas que está vivenciando um amor extraconjugal, um novo amor com outra mulher.

Um amor [...] que se revelava por um simples piscar de olhos, por um sorriso ensaiado na metade das bordas de um lábio, por um repetir constante do *eu te amo*, declaração feita, muitas vezes, em voz silenciosa audível somente para dentro [...]. No principio a aprendizagem lhe custara muito. Acostumada ao amor em que tudo ou quase tudo pode ser gritado, exibido aos quatro ventos, Salinda perdeu o chão. Habituada ao amor que pede e permite testemunhas, inclusive nas horas do desamor, viver silente tamanha emoção era como deglutir a própria boca, repleta de fala, desejosa de contar as glórias amorosas. E por que não gritar, não pichar pelos muros, não expor em outdoor a grandeza do sentimento? Não, não era a ostentação que aquele amor pedia. O amor pedia o direito de amar, somente. (EVARISTO, 2016, p. 51-52)

A cena descrita atualiza o discurso amoroso ao se valer de um saber comum de como se ama, uma linguagem do amor disponível em nossa formação social que recupera sentidos românticos de amor do discurso amoroso. Essa retomada de um dizer sobre o amor comum aos amantes, construída por uma estética do belo,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

atualiza uma memória do discurso amoroso. No discurso amoroso, os amantes que podem dizer do amor, publicizar o amor e ter o direito de amar são forjados na heterossexualidade compulsória. Na cena descrita, os sentidos dominantes de amor, que silenciam violentamente as relações lésbicas, em geral, e as relações lésbicas negras, em particular, são desestabilizados e ressignificados pelos processos de reexistência desse amor entre mulheres negras. Um amor que não pode ser dito, não pode ser celebrado.

Esteticamente bela, a narrativa constrói lugares outros de identificação, resistência e existência ao fraturar os sentidos dominantes e dizer do amor entre lésbicas negras; subjetivamente violenta, a narrativa diz desses silenciamentos que constituem as complexas relações afetivo-sexuais entre mulheres negras, seja pelo rompimento com suas relações heterossexuais, seja pelo reconhecimento da possibilidade de amar outras mulheres negras (e aprender a amar essas mulheres dentro de um funcionamento social heteronormativo), seja mesmo pelo direito de dizer e visibilizar esse amor em toda e qualquer esfera de suas vivências. Esse direito de amar, de dizer das relações lésbicas é uma das possibilidades de pôr em funcionamento a *justiça erótica* no corpo de nossa formação social.

Essa poética da denúncia, *forma de denúncia*, já atravessada pela contradição, que visibiliza as violências enfrentadas ao viver e dizer do amor lésbico entre mulheres negras pode ser retomada na narrativa ao perceber que o amor de Salinda não tem nome. É um corpo – de mulher alta, negra e com vários *dreads* na cabeça - destituído de nome. É um amor da ordem do inominável. Tal poética da denúncia se constrói ainda quando, na narrativa, são descritas as cenas da relação de Salinda com o marido.

A cena descreve os inúmeros gestos de violências da relação de Salinda com o marido. Violências que nunca chegaram a tornar-se físicas, mas que agiam no emocional, no psicológico da personagem: uma relação abusiva. Salinda está constantemente colocada em posição de ser vigiada, observada. A figura do marido funciona como uma espécie de panóptico, como nos diria Foucault (1997), com a função de fazer com que o efeito da vigilância, enquanto instrumento de controle, seja permanente e a punição, pela culpa, seja efetiva. No entanto, Salinda vai construindo seus dispositivos de defesa, de fraturar a ordem estabelecida, de reencontrar a si, de se fortalecer. Esse controle exercido, nas narrativas, pelas relações heterossexuais, que pode também ser formulado em falas como as de Nelly o



homem terminava, eu terminava também, é fraturado, em suas frinchas, pelos potentes e complexos processos de subjetivação e as sexualidades das mulheres negras. Essas narrativas recuperam cenas de abuso de relacionamentos heterossexuais para, então, formular os deslocamentos por meio das narrativas de prazer de outras vivências que descentralizam a figura do homem como fonte de prazer para as mulheres. Esses processos de subjetivação, nas cenas que seguem no conto, se constituem por meio das narrativas de prazer que Salinda vai rememorar desse novo amor.

[...] Jogou algumas roupas no tanque; outras, ainda úmidas do desejo que brincava nos corpos amantes; para essas, ela inventou um esconderijo. Queria a preservação do tesouro, que as peças mofassem sob a ação do tempo íntimo de sua esperança. (EVARISTO, 2016, p. 54)

Se no depoimento de Nelly, a *baba*, elemento corrosivo que vai decompondo a estrutura racista e heteronormativa, é materialidade do gozo e do prazer no corpo; na cena descrita acima, a *umidade do desejo - as (outras) roupas [...] ainda úmidas do desejo* – diz também dessa materialidade do gozo. Materialidades do prazer que precisam ser guardadas, escondidas para que sejam mofadas como um gesto e construção desse espaço íntimo. O cultivo do mofo precisa de condições específicas de temperatura e umidade. Assim, como o

amor de Salinda precisa de condições específicas para ser vivido e enunciado. O amor que acontece na *umidade do desejo*, saliva, suor, baba, - fluídos do sexo: água. O mofo, como memória desse desejo, diz do amor lésbico negro como decompositor. Decompõe a estrutura racista heteronormativa.

Ao longo do conto, há um adiamento da revelação da amante, talvez como recurso estético da narrativa. Tal situação só pode ser desmanchada nas linhas finais.

Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E, no lugar de sua face, viu o da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de *dreads* a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória. (EVARISTO, 2016, p. 57)

O espelho é o espaço de contemplação de si para ver a outra. Um espaço de encontro, não de equivalência, reflexo ou narcisismo. Um portal a partir do qual se pode criar outras vivências por/para as mulheres negras. É vendo a si que Salinda pode vislumbrar ver, viver esse amor. Processos de construção



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

discursiva da autonomia, do poder das mulheres negras, de construções de um protagonismo feminino negro que cava seus espaços nas falhas dos rituais normativos, falhas essas que caracterizam o espaço de resistência e que se deixam ver na fala de Nelly *eu mesma dou meu jeito* - pelos quais as mulheres negras podem vir a se significar para ter prazer. O amor de Salinda é um amor que se vê no espelho e se funda na umidade das águas. Se no discurso dominante, o sexo e a gravidez está para a procriação. Nessa cena, o sentido de sexo e gravidez desliza para a gestação do prazer. A relação afetivo-sexual entre duas mulheres negras se constroem nessas frinchas, brechas, falhas das dominâncias em que os encontros de nossas fendas-mulheres resistem. Fendas-mulheres que *babam pela força telúrica* de nossos *dedos-desejos*.

O prazer é nosso!

Investi em um percurso que me permitisse dizer sobre o prazer quando vozes mulheres negras entram na disputa de sentido. Olhar o prazer como uma lupa investigativa foi importante para compreender alguns gestos que produzem a ressignificação do prazer, da sexualidade, do corpo das/para as mulheres negras. Ensaiei um trajeto de leitura que me

permitiu olhar para narrativas de mulheres negras que dissessem dos prazeres, que rasuram sentidos dominantes, como um lugar de significação possível para *nós*.

Agradecimento

Este ensaio é uma versão do texto de qualificação supervisionado pelo Prof. Dr. Arivaldo Sacramento a quem agradeço imensamente não só por conduzir minhas águas com generosidade, mas, sobretudo, pelo diálogo, pela parceria e pelo incentivo constante.

Referências

- CONCEIÇÃO, N. Depoimento *in* Manoel Carlos. *Páginas da Vida*. Rio de Janeiro: Central Globo de Produções, 2006, 15 jul. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KHZhVbjeFd>>. Acesso em: 19 jun. 2018.
- EVARISTO, C. Beijo na face. *In.: Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 51-57.
- HAMMONDS, E. M. Towards a Genealogy of Black Female Sexuality and the Problematic of Silence *in Futures Feminist Genealogies, Colonial Legacies and Democratic*, New York: Routledge, 1993.
- HIGGINBOTHAM, E. B. *Righteous Discontent: The Women's Movement in the Black Baptist Church, 1880-1990*, Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- MORGAN, J. Why We Get Off: Moving Towards a Black Feminist Politics of Pleasure. *In.: The Black Word Foundation : The Black Scholar*. vol 45. n. 4. 2015, p. 36-46. Disponível em :



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

<https://www.academia.edu/20022202/Why_We_Get_Off_Moving_Towards_a_Black_Feminist_Politics_of_Pleasure>. Acesso em: 20 jan 2018

NASH, J. Strange Bedfellows: Black Feminism and Antipornography Feminism. *In.: Social Text* 97, vol. 26, n. 4, Winter 2008, p. 51-76. Disponível em: <https://www.academia.edu/1186661/Strange_Bedfellows_Black_Feminism_and_Antipornography_Feminism>. Acesso em: 20 jan 2018.

_____. Theorizing Pleasure: New Directions in Black Feminist Studies. *In.: Feminist Studies* 38, no. 2 (Summer 2012), p. 507-515.

ORLANDI, E. _____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. SP: Editora UNICAMP, 2007.

PÁGINAS DA VIDA. Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/paginas-da-vida/trama-principal.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

ZOPPI-FONTANA, M. Lugares de enunciação e discurso. *In: Leitura*, v. 23, n. 99, Maceió: jan/jun 2002. p. 15-24.

ⁱ Foi um termo cunhado por Evelyn Brooks Higginbrotham (1993) para explicitar as práticas das feministas negras norte-americanas para se proteger e se defender das violências e exploração em torno das sexualidades negras. A respeitabilidade foi uma estratégia de sobrevivência urgente e necessária para as mulheres negras. A leitura de Hammonds (1997) ao trabalho de Higginbrotham ajuda a compreender o modo como a respeitabilidade foi uma estratégia importante para enfatizar que a história da imoralidade da mulher negra se constituiu por processos de violência.

ⁱⁱ Como pontuou Carol Vance (1984), a sexualidade é, simultaneamente, um domínio de repressão de restrição e perigo, bem como um domínio de exploração, prazer e agência. No que tange a sexualidade das mulheres negras, Hammonds (1997) afirma que, no passado, os aspectos restritivos, repressivos e perigosos da sexualidade feminina negra foram enfatizados pelas escritoras

feministas negras, enquanto o prazer, a exploração e a agência foram subestimadas.

ⁱⁱⁱ Segundo Nash (2012), desde que as feministas negras adotaram silêncios estratégicos para protegerem nossos corpos do escrutínio, houve mulheres negras tentando romper esse silêncio, contrariando a tradição intelectual dominante, insistindo nos prazeres complexos das mulheres negras. A celebração de Audre Lorde ao erótico, Alice Walker com a descrição do amor mulherista por outras mulheres são alguns dos gestos de rupturas do silêncio que cercam a sexualidade das mulheres negras.

^{iv} Gostaria de agradecer ao amigo e parceiro Ari por me reapresentar esse vídeo no primeiro contato de nossas sempre prazerosas conversas. <https://www.youtube.com/watch?v=KHZhVbjeFdc>